

PAPÉIS DISCURSIVO-PRAGMÁTICOS DA CONSTRUÇÃO [VAI QUE] SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO

DISCURSIVE-PRAGMATIC ROLES OF THE CONSTRUCTION [VAI QUE] FROM THE PERSPECTIVE OF USAGE-BASED CONSTRUCTION GRAMMAR

Leyla Ely¹, Maria Maura da Conceição Cezario², Juan Lima de Paula³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
orcid.org/0000-0002-8221-5974
leylaely@letras.ufrj.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
orcid.org/0000-0002-1724-762X
mmcezarior@letras.ufrj.br

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
orcid.org/0009-0000-7607-1022
juandepaula1234@letras.ufrj.br

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este artigo busca analisar a construção [vai que], à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso, por meio da descrição de alguns valores discursivo-pragmáticos observados em Ely (2025). A autora caracteriza [vai que] como construção epistêmica de base condicional, apresentando um continuum em que ora se aproxima de usos condicionais mais prototípicos ora de modais epistêmicos; assim, por meio da construção, o falante formula uma hipótese ou possibilidade acerca do que é enunciado. Para alcançar o objetivo deste artigo, foi utilizada uma abordagem metodológica que une tanto análise qualitativa, como quantitativa dos dados, que, por sua vez, foram coletados em duas plataformas: o Corpus do Português e a rede social Twitter. Os papéis da construção foram inicialmente mapeados com base em Ely (2025) e, a partir dessa investigação, se procedeu à classificação dos dados. Além disso, para a análise quantitativa, foi utilizado o software R, que permitiu a descrição da distribuição e da frequência dos diferentes papéis pragmático-discursivos mapeados. A partir da análise das ocorrências, observou-se que [vai que] apresenta papéis pragmático-discursivos distintos, sendo eles: (i) precaução, (ii) expectativa positiva, (iii) alerta, (iv) dúvida/suposição, (v) ironia, (vi) contraste e (vii) comentário. Foi feita uma comparação do uso dessa construção com a construção *in case* do inglês, com papéis semelhantes, conforme o estudo de Declerck e Reed (2001).

Palavras-chave: Papéis discursivo-pragmáticos. Contextos de uso. [Vai que].

Abstract: This article aims to analyze the construction [vai que] in light of Usage-Based Construction Grammar, through the description of several discourse-pragmatic values observed in Ely (2025). In summary, the author characterizes [vai que] as a construction with a conditional basis that departs from more prototypical conditional constructions as it approaches an epistemic modal, through which the speaker formulates a hypothesis or possibility regarding what is being stated. To achieve the objectives of this study, a methodological approach was adopted that combines both qualitative and quantitative analyses of the data, which were collected from two platforms: Corpus do Português and the social network Twitter. The functions of the construction were initially mapped based on Ely (2025), and the data were subsequently classified according to this framework. In addition, for the quantitative analysis, the R software was used, allowing the description of the distribution and frequency of the different discourse roles identified. Based on the analysis of the occurrences, it was observed that [vai que] presents distinct pragmatic-discursive roles, namely: (i) precaution, (ii) positive expectation, (iii) warning, (iv) doubt/supposition, (v) irony, (vi) contrast, and (vii) comment. A comparison was also carried out between the use of this construction and the English construction *in case*, which displays similar functions, based on the analysis proposed by Declerck and Reed (2001).

Keywords: Discursive-Pragmatics level. Use context. [vai que] construction.

EPIÍGRAFE

A imaginação é mais importante que o conhecimento, porque o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro.

Albert Einstein (1929)

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo descrever os papéis discursivo-pragmáticos da construção [vai que], à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso. Trata-se de uma expressão relativamente recente do português brasileiro (PB) e, por essa razão, ainda pouco explorada na literatura linguística. Ely (2025), em termos gerais, caracteriza [vai que] como uma construção de base condicional que, em determinados usos, aproxima-se do condicional prototípico e, em outros, afasta-se dele, deslocando-se em direção ao domínio da modalidade epistêmica. Por meio dessa construção, o falante formula uma hipótese ou projeta uma possibilidade em relação ao conteúdo enunciado, como em:

- (1) [...] **vai que** numa dessas tivesse acontecido algo com os atores nesse tempo, aí o filme ia para o ralo [...] (Corpus do português, 2023. grifo nosso).
- (2) O personagem do menino é um dos melhores que vi até hoje no cinema. Não vou contar o motivo -- **vai que** vocês se entusiasmam e decidem assistir-lo, né? (Corpus do Português, 2023. grifo nosso).

Na primeira ocorrência, observa-se maior proximidade com o domínio condicional, uma vez que [vai que] introduz uma oração hipotática associada à oração principal, configurando uma relação semântico-pragmática próxima ao esquema *p*, então *q*, com valor de causa-consequência, isto é, a possibilidade de algo ter acontecido funciona como fundamento para o filme “ir para o ralo”. Já no segundo exemplo, a construção aproxima-se do domínio da modalidade epistêmica, pois projeta um cenário alternativo hipotético em que o interlocutor-leitor poderia se entusiasmar e, por isso, decidir assistir ao filme.

Tomando tais exemplos como ponto de partida, apresenta-se neste artigo uma análise dos papéis discursivo-pragmáticos da construção [vai que] a partir da análise

de Ely (2025), que oferece uma descrição aprofundada da natureza da construção e dos diferentes contextos em que ela se manifesta. Adota-se, para tanto, a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, por meio de uma metodologia quali-quantitativa sustentada por aproximadamente 400 ocorrências. O problema de pesquisa que orienta esta análise consiste na delimitação dos distintos contextos de uso e dos papéis discursivo-pragmáticos assumidos por [vai que], cujas variações refletem nuances funcionais específicas. Ainda, apresentamos, ao final da análise qualitativa, uma comparação dos usos de [vai que] com a construção *in case* do inglês, que carrega valor semântico semelhante à nossa construção.

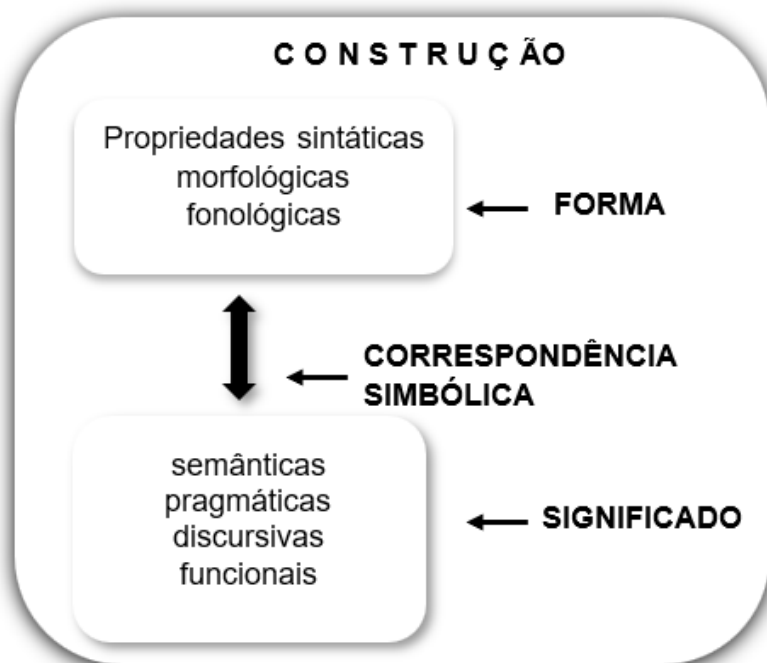
REFERENCIAL TEÓRICO

Para a realização desta pesquisa, adotou-se o aparato teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). De acordo com essa perspectiva, a linguagem é concebida como parte integrante da cognição humana, em articulação com outras capacidades mentais, configurando-se como um sistema não-autônomo e interdependente (Langacker, 2008). Logo, a representação do conhecimento linguístico — assim como do conhecimento não linguístico —, incluindo a organização de conceitos e significados, é formada por processos cognitivos de domínio geral, intrínsecos à cognição humana (Evans; Green, 2006; Bybee, 2010).

Nesse viés, a língua é concebida como fundamentalmente interativa, emergindo do uso e sendo moldada pelo *input* linguístico decorrente da experiência e da interação do falante com o mundo. Percebe-se a língua como algo estruturado, sistemática e mentalmente, e organizado para a expressão do significado e para a realização de funções simbólicas e interativas. Neste sentido, entende-se que uma das formas cruciais de expressar linguagem é usando símbolos (Evans e Green, 2006). Os símbolos, neste caso, consistem em formas que podem ser faladas, escritas ou sinalizadas, sendo os significados socialmente convencionalizados. Tais conjuntos simbólicos são entendidos enquanto emparelhamento parcialmente convencional de forma-significado (Traugott e Trousdale, 2013; Hilpert, 2014), o que implica os falantes reconhecerem e estarem de acordo com o(s) sentido(s) dado(s) para cada construção linguística.

A Figura 1 ilustra a correspondência entre construções.

Figura 1 – Construção



Fonte: adaptado de Croft (2001, p.18).

Croft (2001) detalha o pareamento construcional por meio da Figura 1. No plano da forma, encontram-se as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e, no plano do significado, estão as propriedades semânticas, pragmáticas, discursivas e funcionais, havendo *link* simbólico entre esses planos. Essa noção expandida do signo saussuriano é conhecida como “construção” e abrange morfemas, palavras, expressões idiomáticas, sentenças e/ou padrões frasais abstratos (Hoffmann, 2022).

Como pontua Hoffmann (2022), a GCBU vai um passo além, ao afirmar que associações (parcialmente) arbitrárias de forma-significado não são apenas um conceito útil para a descrição de palavras, mas que todos os níveis de descrição gramatical envolvem tais associações convencionais de forma e de significado. No que se refere às expressões idiomáticas, isto é, às construções relativamente fixas na língua, Tomasello (2005) chama atenção para o fato de que tais estruturas complexas fundamentam-se em categorias abstratas e também se ancoram em itens linguísticos particulares (Fillmore; Kay; O’Connor, 1988; Croft, 2001). Diessel (2019, p. 66)

acrescenta que, tradicionalmente, as expressões idiomáticas foram tratadas como pequena classe de formas irregulares armazenadas no léxico mental ao lado das palavras, enquanto a maioria das frases e orações seria derivada por regras plenamente produtivas. Estas últimas permitiriam a criação sistemática e previsível de novas formas, por meio de estruturas generalizáveis e livremente combináveis em diferentes contextos. Assim, Diessel (2019, p. 66) propõe que a idiomaticidade deve ser concebida como *continuum*, abrangendo uma gama muito mais ampla de expressões do que tradicionalmente se supõe.

Neste contexto, torna-se pertinente discutir sobre o conceito de composicionalidade, central na gramática da GCBU, fundamental para a compreensão de como os significados emergem das combinações linguísticas. De acordo com Goldberg (1995), o significado de uma expressão complexa é determinado tanto pelo significado de suas partes constituintes quanto pelas regras que organizam essas partes em construções maiores. A interação entre esquemas abstratos e elementos específicos dá origem a diferentes graus de composicionalidade, que variam conforme o nível de previsibilidade semântica da construção.

Em construções como *[S V O]*, por exemplo, na frase *João comeu maçã*, é possível depreender o sentido da expressão a partir da combinação dos elementos, o que indica um grau mais elevado de composicionalidade. Por outro lado, em expressões idiomáticas (como *chutar o balde* ou *pagar o pato*), a soma das partes não revela diretamente o significado da construção, o que indica menor grau de composicionalidade. Em outras palavras, ainda que conheçamos o significado das palavras individualmente e reconheçamos a estrutura da frase, o sentido global pode não ser totalmente derivado de seus constituintes.

Nesta perspectiva, Tomasello (2003) argumenta que a composicionalidade se constitui gradualmente a partir de usos concretos, à medida que os falantes abstraem generalizações, estabelecendo assim padrões de combinação que se tornam produtivos com o tempo. Langacker corrobora com esse pressuposto ao afirmar que o significado das expressões linguísticas puramente composicional implicaria a desconsideração da complexidade dos processos mentais envolvidos na linguagem. Para o autor, a combinação de significados não se dá por regras formais arbitrárias,

mas por meio de operações cognitivas, como a metáfora e a metonímia, por exemplo. Assim, o significado de uma sentença emerge da integração de esquemas conceituais e de estruturas cognitivas preexistentes na experiência do falante (Langacker, 1987).

Vale mencionar, portanto, que o pareamento entre forma-significado ocorre por meio da percepção e da conceptualização que o falante faz de determinada construção linguística (Evans; Green, 2006). Desse modo, o conhecimento linguístico é entendido como inventário de construções, que constitui uma rede na qual elas são associadas por vários tipos de conexões que refletem a experiência dos usuários da língua com padrões de ocorrência particulares (Goldberg, 1995; Barlow; Kemmer, 2000; Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014). Para Diessel (2014), é justamente nessa rede de associações que emerge a possibilidade de inovação: as conexões estabelecidas entre construções se fortalecem entre si, mas também fornecem a base sobre a qual os falantes podem projetar novos usos e reorganizar padrões existentes.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo combina procedimentos de natureza qualitativa e quantitativa. O conjunto de dados é composto por 402 ocorrências da construção [vai que], extraídas dos *corpora Twitter* e *Corpus do Português*, analisadas segundo um conjunto de fatores formais e funcionais. Mas, neste artigo, vamos nos restringir à análise dos seus papéis discursivo-pragmáticos em diferentes contextos de uso. Considera-se, ainda, a diferença de suporte, uma vez que as ocorrências do *Twitter* apresentam um caráter mais informal e aproximam-se da oralidade, em contraste com o *Corpus do Português*, que reúne dados provenientes de gêneros mais monitorados, como *blogs* e notícias.

A análise qualitativa orientou a identificação e a delimitação dos papéis discursivos assumidos pela construção. A partir do exame dos dados e com base em Declerck e Reed (2001), observou-se que [vai que] apresenta distintos papéis pragmático-discursivos, a saber: (i) precaução, (ii) expectativa positiva, (iii) alerta, (iv) dúvida/suposição, (v) contraste, (vi) ironia e (vii) comentário.

O papel de *precaução* manifesta-se quando a construção sugere cautela diante de uma possibilidade futura; o de *expectativa positiva* ocorre quando o falante

expressa o desejo por um resultado favorável, ainda que improvável; o de *alerta* indica risco, uma ameaça implícita que leva a uma consequência indesejada; o de *dúvida/suposição* introduz incerteza quanto à veracidade de uma informação, sem apresentar os demais papéis; o de *ironia* veicula uma leitura cética ou uma crítica implícita com tom de sarcasmo ou humor e o de *comentário* ocorre quando a construção funciona como um adendo discursivo, frequentemente marcado por parênteses ou travessões (Ely, 2025).

Esses papéis foram inicialmente mapeados com base na análise qualitativa desenvolvida em Ely (2025), a partir da qual se procedeu a classificação dos dados do presente estudo. A análise quantitativa, por sua vez, foi realizada com o auxílio do software *R*, permitindo a descrição da distribuição e da frequência dos diferentes papéis pragmático-discursivos identificados.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados revela que a construção [vai que] apresenta funcionamento pragmático-discursivo sensível ao contexto interacional, assumindo diferentes papéis conforme as intenções comunicativas do falante e as inferências mobilizadas na interação. A seguir, apresentamos dados para cada papel mapeado:

(A) **Alerta**

(01) Se forem 4 pessoas custará US\$ 25 para cada uma, que é muito barato. NUNCA pague o táxi antecipadamente. Por quê? **Vai que** o motorista resolve ir embora e te deixar na mão? É algo improvável, mas é bom se prevenir. (Corpus do português, 2023. grifo nosso).

(02) Vai inventar de tirar a "« casquinha "» de a sua tatto, vai. **Vai que** surge uma coceira e infecção da pele porque ela esta desprotegida. Os tatuadores que falam, não eu! Melhor seguir o conselho, vai que... né? (Corpus do português, 2023. grifo nosso).

Nas ocorrências, observa-se [vai que] com proeminência pragmática-discursiva de alerta. Nesse sentido, o falante utiliza a construção para chamar atenção, trazendo os possíveis riscos que podem ocorrer em duas situações distintas: (01) O motorista do táxi ir embora sem o passageiro, após o pagamento antecipado e (02) Uma possível infecção da pele em cicatrização, por tirar as “casquinhas” do local tatuado. Importante ressaltar que o falante se vale da hipótese na construção para criar um cenário desfavorável, corroborando para seu argumento, mesmo que ele não tenha conhecimento total da situação (em (01) “É algo improvável” e (02) “Os tatuadores que falam, não eu!”).

(B) Comentário

- (03) Então, depois que tive meu primeiro filho fiquei com tanto medo que ele fosse filho único por alguma razão (sei lá, **vai que** esperar mais me desanimasse pra ter outro, como já ouvi vários casos) que resolvi emendar um segundo. (Corpus do português, 2023. grifo nosso).
- (04) Prometo fazer tudo o que está na lista de desejos, (que só cresce) e não sobra tempinho, rsrs... **Vai que** uma hora dá, rsrs... Beijinhos, (Corpus do português, 2023. grifo nosso)

As ocorrências acima representam o valor predominante de comentário (já que há outros envolvidos, como suposição/dúvida), pois são adendos feitos pelo locutor-escritor sobre a proposição anterior. O papel discursivo-pragmático de comentário pode aparecer como forma de autorreflexão ou de reforço feito pelo próprio falante (às vezes, para si mesmo), atenuando a informação anterior ao se distanciar da própria opinião, dando lugar a uma outra possibilidade. Em (03), por exemplo, isso acontece quando o escrevente utiliza da construção (entre parêntesis) para atenuar uma informação (desanimar para ter outro filho) que se liga ao evento principal (depoimento do primeiro pós parto), oferecendo um segundo ponto de vista do próprio falante. Em (04), o adendo é feito a partir de uma autorreflexão e uma promessa feita pelo locutor-escritor (de realizar todos os seus desejos anotados).

(C) Contraste

(05) foto minha de óculos sem filtro e sem maquiagem e eu tô pensando em postar mas **vai que** dps eu fico mal apago e choro a noite toda por isso n quero isso..... (Twitter, 2023. grifo nosso).

(06) Lógico que voce vai ter que mandar a pagina com sua foto para sua familia e amigos para eles votarem e te apoiarem. Mas **vai que** você ganha?! (Twitter, 2023. grifo nosso).

Nos dados (05) e (06), [vai que] marca contraste, sendo inclusive reforçado pelo conector *mas*, em relação a uma posição previamente apresentada pelo locutor-escritor. Trata-se de um mecanismo que projeta uma possibilidade alternativa — frequentemente improvável, mas cognitivamente saliente — capaz de reorientar a avaliação da situação discursiva.

Em (05), o locutor manifesta inicialmente a intenção de postar uma foto sem filtro e sem maquiagem. No entanto, a construção [vai que] introduz um cenário negativo potencial (“vai que dps eu fico mal apago e choro a noite toda”), que funciona como contra-argumento à ação desejada. O contraste se estabelece entre o desejo de exposição e o medo da repercussão emocional futura. Já em (06), o movimento argumentativo opera em direção oposta. Embora haja um custo envolvido na participação (“mandar a página com sua foto para sua família e amigos”), [vai que] introduz um cenário positivo e vantajoso (“vai que você ganha?!”). Aqui, a construção não bloqueia a ação, mas a legitima, ao projetar uma possibilidade favorável que compensa o investimento requerido. O contraste se dá entre o esforço inicial e a chance de êxito, funcionando como estratégia persuasiva.

(D) Dúvida/Suposição

(07) Bom, como agora vcs são formadoras de opinião, melhor eu NÃO ler o post todo. Não vi o filme, **vai que** vc influencia a minha opinião sobre o filme ou sobre o tema do post? Rs.... bom, mas quanto ao `saber` quando acaba... (Corpus do Português, 2023. grifo nosso).

- (10) Mas acho bem válida essa escolha – acho que mais mulheres deveriam, pelo menos, testar o uso desse tipo de fralda. **Vai que** pegam gosto, né? *rs Beijão. (Corpus do português, 2023. grifo nosso).

Em (09) e (10), [vai que] é mobilizada como recurso de projeção de expectativa positiva, funcionando como estratégia de motivação e reavaliação da situação discursiva. Diferentemente dos usos marcados por dúvida, por exemplo, aqui o espaço hipotético ativado tende a favorecer uma interpretação mais positiva (ou negativa) em que o locutor-escritor parece se colocar no discurso.

Em (09), diante da frustração por não conseguir comprar o ingresso, o enunciado “Vai que é um sinal” introduz uma releitura possível do evento negativo. A construção projeta um cenário alternativo em que o insucesso adquire sentido positivo — como se o acontecimento fosse indício de algo melhor por vir. Ainda que o contexto emocional inicial seja de tristeza, [vai que] opera como mecanismo de ressignificação, funcionando argumentativamente como consolação ou incentivo para “deixar pra lá”. O espaço hipotético não elimina o fato ocorrido, mas altera seu enquadramento avaliativo.

Em (10), a construção aparece por meio de um argumento persuasivo: “Vai que pegam gosto, né?”. Ao sugerir que mulheres testem determinado produto, o locutor projeta a possibilidade de um desfecho favorável (gostar do uso da fralda), reforçando a legitimidade da escolha defendida. Neste caso, [vai que] amplia o horizonte de expectativas positivas e atua como estratégia de encorajamento, suavizando a imposição e apresentando a ação como experiência potencialmente recompensadora. A construção funciona como operador de motivação, permitindo ao locutor reorganizar o peso avaliativo da situação e sustentar uma postura mais esperançosa ou persuasiva.

(F) Ironia

- (11) Sem falar que ficou meio apertado na dona Vânia, né? Eu vi assim também na Ivete, **vai que** é tendência agora posar com um pneu pra fora,

tou desligada do mundinho da moda mesmo. (Corpus do português, 2023. grifo nosso).

- (12) Decadência ver as pessoas falando mal de mim e não me chamando, eu em! **Vai que** eu descobro uma nova personalidade (Twitter, 2023. grifo nosso).

Nas ocorrências (11) e (12), [vai que] é mobilizada com valor predominantemente irônico, operando como recurso de atenuação e, simultaneamente, de intensificação crítica. Sua função maior é produzir efeito sarcástico.

Em (11), ao comentar a aparência de figuras públicas como Ivete Sangalo, o locutor afirma: “vai que é tendência agora posar com um pneu pra fora”. A hipótese formulada não expressa desconhecimento efetivo acerca das tendências da moda, tampouco dúvida genuína. Ao contrário, trata-se de uma suposição evidentemente exagerada, que constrói um cenário absurdo para ironizar as vestimentas que, segundo o falante, não favorecem o corpo das famosas. A construção [vai que] a partir da proteção de face do locutor-escritor, em que, sob a forma de especulação, acaba realizando uma crítica.

Em (12), “Vai que eu descobro uma nova personalidade”, o locutor também projeta um cenário improvável, sugerindo ironicamente que as falas alheias poderiam levá-lo a “descobrir” outra personalidade. Aqui, o efeito irônico emerge da incongruência entre a situação real (pessoas falando mal dele) e a hipótese exagerada apresentada como possível consequência. O uso de [vai que] suaviza a crítica direta, mas simultaneamente reforça o tom de deboche. Observa-se, portanto, que, nesses casos, a construção deixa de operar como marcador de dúvida ou suposição plausível e passa a funcionar como estratégia pragmática de ironização.

(G) Precaução

- (13) Já marquei meu retoque da definitiva na tassy pra dezembro já tem vários horários preenchidos **vai que** eu fique sem o meu né (Twitter, 2023. grifo nosso).

- (14) E que minha reflexão pessoal tenha servido também para lhe ajudar em algo, por isso sempre gosto de compartilhar o que penso, **vai que** alguém está na mesma situação e acabamos nos ajudando uns aos outros né! (Corpus do português, 2023. grifo nosso).

Nos dados (13) e (14), a construção assume valor de precaução, antecipando um cenário potencialmente indesejado (ou incerto), o que justifica uma ação preventiva no presente, passado ou futuro. Em (13), ao afirmar que já marcou o retiro, o locutor-escritor projeta a possibilidade de indisponibilidade futura de horários. O cenário hipotético — não conseguir vaga — fundamenta a decisão antecipada de garantir o agendamento. A construção atua, portanto, como operador de prevenção: a simples plausibilidade do evento futuro é suficiente para legitimar a ação imediata. Já em (14), o locutor-escritor projeta a possibilidade de que sua reflexão pessoal encontre eco na experiência de outros leitores. Ainda que o desfecho não seja negativo, há preocupação implícita em compartilhar um pensamento que possa ser útil. A construção ativa espaço hipotético que sustenta a atitude de dividir experiências, funcionando como orientação indireta ou conselho: compartilhar pode ser proveitoso, caso alguém esteja passando pela mesma situação.

Tendo isso em vista, apresentamos o Quadro 1, abaixo, com os papéis discursivos e pragmáticos da construção [vai que] na amostra analisada.

Quadro 1 – Papéis discursivo-pragmáticos de [vai que].

PAPEL DISCURSIVO-PRAGMÁTICO	FUNÇÕES COMUNICATIVAS ASSOCIADAS	EXPLICAÇÃO
Precaução	- Expressar aviso ou alerta, que pode estar ligado a comandos ou orientações ao interlocutor.	[vai que] antecipa uma possibilidade negativa e sugere que o interlocutor tome uma atitude. Ex.: “Leva o casaco, vai que esfria.”
Expectativa positiva/motivação	- Expressar expectativa, um impulso, motivação positiva (ou negativa), mas com marcação do posicionamento do locutor	Indica desejo por um resultado positivo improvável; sugere ou justifica uma ação com base em expectativa. Ex.: “Se inscreve, vai que você passa.”

	sobre si mesmo ou sobre/para o interlocutor.	
Alerta	- Expressar aviso ou alerta, podendo marcar dêixis social	Traz à tona um risco ou consequência negativa, muitas vezes com tom de advertência. Ex.: “Não fala isso, vai que alguém escuta.”
Dúvida/suposição	- Atenuar uma informação, as quais podem trazer negações ou confirmações implícitas.	Introduz uma possibilidade alternativa que questiona o dito anterior, suavizando afirmações ou negando pressupostos. Ex.: “Ela disse que terminou, vai que é mentira...”
Contraste	- Contrastar uma ideia ou alguém por meio de um cenário hipotético alternativo.	Introduz um cenário hipotético alternativo e contrastivo, normalmente antecedido de <i>mas</i> . Ex: “Tá um pouco de chuva, mas vai que faz sol”
Ironia	- Atenuar de forma irônica uma informação, podendo utilizar uma forma mais sarcástica ou não.	[vai que] pode ser usado com entonação irônica, sugerindo distanciamento ou crítica. Ex.: “Ah, claro, ele mudou — vai que agora virou santo...”
Comentário reflexivo	- Atuar como reforço/adendo sobre o discurso anterior.	O falante distancia-se da própria afirmação, provocando uma opacidade semântica, exprimindo incerteza em forma de comentário (Schiffrin, 1987). Ex: Curativo (vai que aperta)

Fonte: Ely (2025).

Conforme o Quadro 1, a mesma função comunicativa pode servir a diferentes valores discursivos, dependendo do contexto (por exemplo, “introduzir comandos” pode expressar tanto precaução quanto expectativa positiva)¹. Importante mencionar que o mapeamento de tais valores decorreu da análise apurada que realizamos ao decorrer do doutoramento (Ely, 2025); em um segundo momento, contudo,

¹ Esses valores estão ligados diretamente à intersubjetividade, entendida aqui como a forma como os enunciadores constroem e modulam sua relação com os interlocutores no discurso (Gardenförs, 2007).

encontramos o estudo de Declerck e Reed (2001), que apresenta significados muito próximos para a construção com sentido condicional *in case* do inglês (ver Quadro 2, abaixo). De todo modo, esses achados corroboram para a nossa tese de que [vai que] possui semântica de condicionalidade, bem como nosso trabalho fortalece os achados dos autores.

Neste viés, elaboramos um quadro (Quadro 2) referente aos valores semântico-pragmáticos de [vai que], relacionados aos contextos de justificação e contraste ao qual a construção se relaciona. Este quadro foi produzido a partir das análises realizadas e do estudo de Declerck e Reed (2001) sobre condicionais, mais precisamente sobre a construção *in case* do inglês.

Quadro 2 – Vai que e *In case*

VALOR SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO DE “VAI QUE”	DESCRIÇÃO	EQUIVALENTES EM INGLÊS	EXEMPLO EM PORTUGUÊS	TRADUÇÃO SUGERIDA
Valor preventivo (justificativo)	Expressa uma precaução frente a uma possibilidade remota; é comumente introduzido por “porque”.	<i>In case / just in case</i>	Nem vou tirar um cochilo, porque vai que eu não acordo para a prova.	<i>I better not take a nap, you know, just in case I don't wake up on time.</i>
Valor de precaução/ medo antecipado (justificativo)	Indica preocupação com algo que pode acontecer e serve como motivação para uma ação presente	<i>In case</i> (com valor emocional) / <i>because maybe / in fear that</i>	Vou te perdoar, porque vai que seu avião caia.	<i>I'm forgiving you, in case your plane crashes. / because what if it crashes?</i>
Alerta, que pode vir como forma de sugestão ou conselho velado (justificativo)	Induz o interlocutor a considerar uma possibilidade imprevista, com tom de alerta ou persuasão	<i>What if / you never know</i>	Não fala isso, vai que alguém escuta..	<i>Don't said this, what if somebody hears? / you never know.</i>

Valor irônico (justificativo)	Utilizado de forma hiperbólica ou sarcástica.	<i>What if</i> , com tom irônico / <i>imagine if</i>	Uma hora o cansaço vem né kk tá brabo... Mas pelo menos sextouu. Mas nem vou me animar muito vai que amanhã eu tenho que trabalhar novamente 😊	<i>At some point the tiredness hits, right? lol It's rough... But hey, at least it's Friday! Still, I won't get too excited — what if I have to work again tomorrow?</i> 😊
Valor contrastivo-condicional	Introduz um cenário hipotético alternativo, geralmente com "mas", rompendo expectativas	<i>But what if... / suppose... / just imagine if...</i>	Li tudo com atenção, mas vai que aparece um texto novo.	<i>I read everything carefully, but what if a new text comes up?</i>

Fonte: Ely (2025), adaptado de Declerck e Reed (2001).

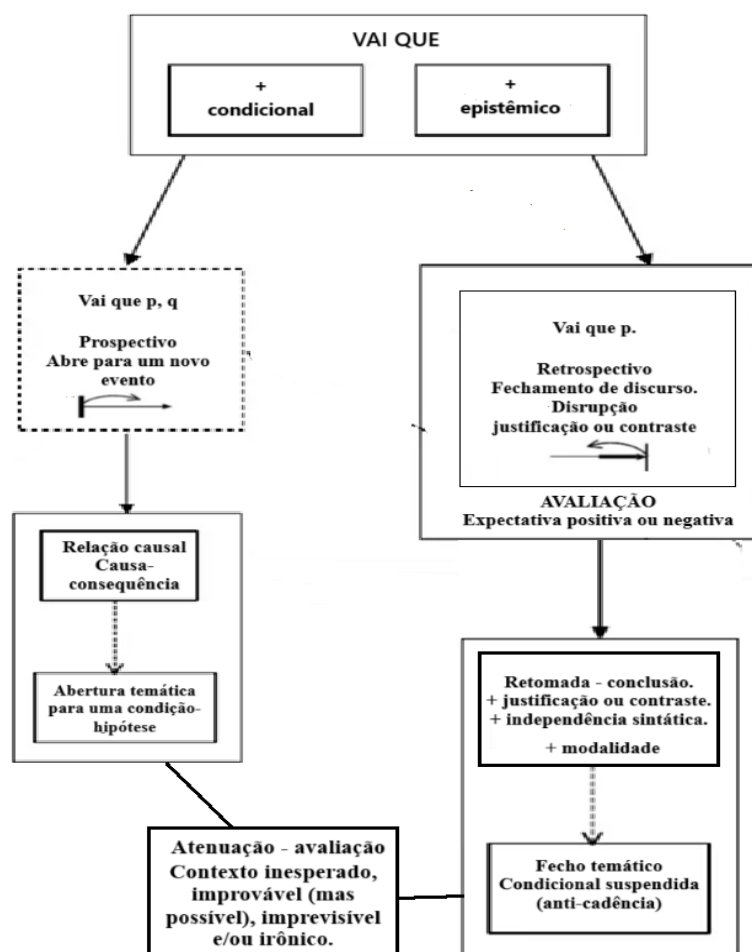
A partir do quadro apresentado, chegamos à hipótese² de que [vai que] se aproxima de *e se* ou *what if* do inglês quando a intenção do falante é criar tensão discursiva (especialmente com “mas...”); fazer o ouvinte considerar o inesperado; inserir contraste, ironia ou medo e marcar uma condicionalidade argumentativa e subjetiva, por exemplo “Mas vai que aparece um texto novo...” ou “Vai que o avião caia...”. Por outro lado, quando se aproxima da semântica de *In case* do inglês, a intenção do falante parece ser de justificar uma ação presente baseada em possibilidade; mostrar cautela prática ou planejamento e explicar um comportamento preventivo, por exemplo “Leve o casaco, vai que esfria” ou “Vou te perdoar, pq vai que seu avião caia”. Importante esclarecer que, com este quadro, não estamos dizendo que ambas as construções em comparação são iguais e, tampouco, que seriam

² Reforçamos que essa é uma hipótese ainda a ser verificada, em trabalhos futuros, visto que demanda testes experimentais de avaliação e/ou julgamento linguístico.

sinônimas. Na verdade, acreditamos que elas têm semântica similar e podem servir a papéis discursivo-pragmáticos semelhantes.

Na Figura 2, abaixo, buscamos ilustrar a organização semântica da construção [vai que].

Figura 2 – Significados emergentes de [vai que]



Fonte: Ely (2025), criado com base em Soares da Silva (2006).

Como pode ser visualizado na figura, [vai que] aparece em dois sentidos oracionais: prospectivo e retrospectivo³. No primeiro, abre para um novo evento que

³ [Prospectivo] (1) [...] vai que numa dessas tivesse acontecido algo com os atores nesse tempo, aí o filme ia para o ralo [...] (Corpus do português, 2023).

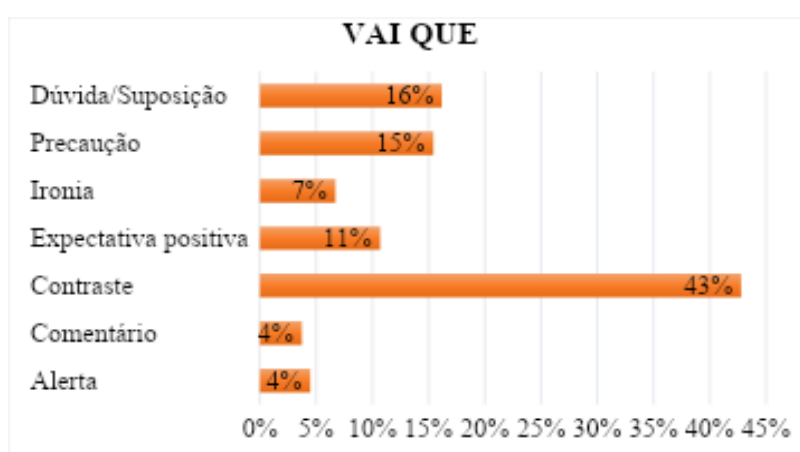
[Retrospectivo] (2) O personagem de o menino é um dos melhores que vi até hoje no cinema. Não vou contar o motivo -- vai que vocês se entusiasmam e decidem assistir-lo, né? (Corpus do Português, 2023).

é causa de determinada consequência, estabelecendo, portanto, uma relação causal a partir de um espaço condição-hipótese. No segundo, retoma ou conclui o enunciado/argumentação anterior, funciona, dessa forma, como fechamento temático, o qual justifica e/ou contrasta com o que está sendo dito, tendo maior peso avaliativo positivo e/ou negativo por parte do falante-locutor. Nesses casos, tende a aparecer de forma mais independente sintaticamente, o que faz com que perca um pouco da propriedade conectiva e se fortaleça como marcador de modalidade. Apesar disso, consideramos ambos os contextos pertencentes a mesma construção ([vai que]), tendo ora vínculo mais fortalecido com o domínio condicional ora com a modalidade epistêmica.

RESULTADOS QUALI-QUANTITATIVOS

Partiu-se da hipótese de que o papel pragmático-discursivo constitui um fator decisivo para a compreensão do funcionamento da construção [vai que], uma vez que cada papel ativa nuances específicas de sentido no curso da interação. Nesse sentido, esperava-se que a construção apresentasse maior distribuição em papéis associados à intersubjetividade, como alerta, precaução e expectativa positiva, nos quais o falante mobiliza seu discurso de modo mais direto ao interlocutor.

Tabela 1 – Papéis discursivo-pragmáticos de [vai que]

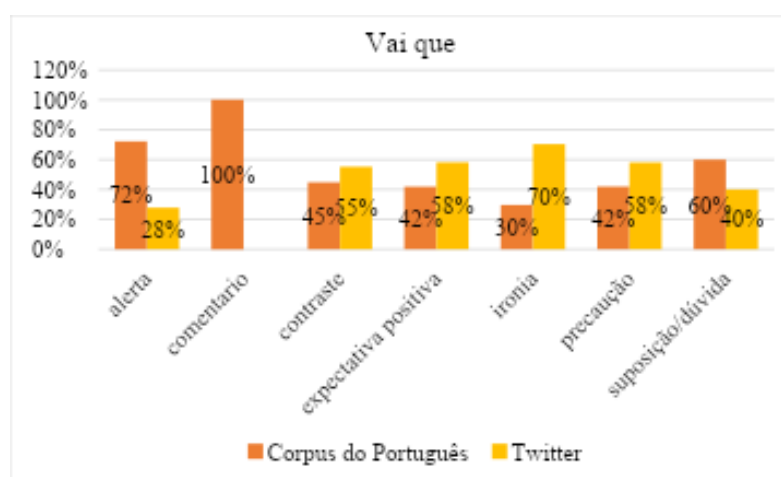


X-squared = 308.1, df = 6, p-value < 2.2e-16.

Alguns papéis discursivos apresentam proximidade semântica — como *alerta* e *precaução* — ou podem se desdobrar em mais de uma função. Nesses casos, optamos por classificar o dado segundo o papel que se mostrou mais saliente ou predominante no contexto. Importa destacar que o sentido de *justificativa* perpassa os diferentes papéis aqui apresentados, ainda que não esteja delimitado como uma categoria independente, funcionando como uma dimensão que se distribui entre eles. No caso do *contraste*, também pode haver outros papéis envolvidos, mas, por questão metodológica, tivemos que priorizar apenas um, assim como para os demais casos. Assim, [vai que] normalmente assume a função de justificar ou de contrastar alguma informação ou evento enunciado pelo locutor-escritor.

Dito isso, o gráfico evidencia que o valor discursivo de maior destaque para a construção [vai que] é o de contraste, responsável por 43% das ocorrências. Esse resultado indica que a expressão é fortemente empregada para introduzir enunciados que contrapõem expectativas, hipóteses ou situações anteriores. Em seguida, aparecem os papéis de dúvida/suposição (16%) e precaução (15%), que juntos também representam uma parcela significativa do uso. Já valores como expectativa positiva (11%), ironia (7%), comentário (4%) e alerta (4%) ocorrem de forma menos expressiva, mas contribuem para revelar a diversidade de funções discursivas da expressão.

Tabela 2 – Papéis discursivo-pragmáticos conforme *corpora*



X-squared = 30.043, df = 6, p-value = 3.857e-05

O gráfico compara a distribuição dos papéis discursivos da expressão [vai que] em dois contextos distintos: o *Corpus do Português* (em laranja) e o *Twitter* (em amarelo). Nota-se que alguns papéis se concentram fortemente em apenas um dos contextos, enquanto outros se distribuem de forma mais equilibrada.

O papel de comentário aparece exclusivamente no *Corpus do Português* (100%), sugerindo que, nesse repertório, a expressão tende a ser empregada em usos mais metalinguísticos ou avaliativos, pouco recorrentes em contextos de redes sociais. Já os valores de ironia (70% no Twitter contra 30% no *Corpus*) e precaução (58% no Twitter contra 42% no *Corpus*) têm predominância nas interações digitais, possivelmente em razão do caráter mais imediato, intersubjetivo e performativo das postagens.

Por outro lado, o papel de alerta se concentra mais no *Corpus* (72%) do que no Twitter (28%), o que pode indicar uma preferência do uso em contextos narrativos ou argumentativos mais formais. Os papéis de contraste (55% no Twitter, 45% no *Corpus*), expectativa positiva (58% no Twitter, 42% no *Corpus*) e suposição/dúvida (60% no *Corpus*, 40% no Twitter) apresentam distribuições mais próximas, embora ainda revelem diferenças entre os contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia [vai que] como uma construção que transita entre a condicionalidade prototípica e a modalidade epistêmica (Ely, 2025). A análise, fundamentada na GCBU, permitiu identificar seis distintos papéis pragmático-discursivos: precaução, expectativa positiva, alerta, dúvida/suposição, contraste, ironia e comentário.

A distribuição quantitativa mostrou que a função de *contraste* é o papel mais recorrente, correspondendo a 43% das ocorrências analisadas. Esse resultado sugere que a construção [vai que] é frequentemente mobilizada para introduzir possibilidade que se contrapõe a uma expectativa previamente estabelecida no discurso, funcionando como mecanismo de reorganização argumentativa e de abertura para cenários alternativos.

Em seguida, destacam-se os usos relacionados à *dúvida ou suposição* (16%) e à *precaução* (15%), que reforçam o caráter epistêmico da construção e seu papel na formulação de hipóteses ou na antecipação de eventos incertos, funcionando inclusive como justificativa para o que foi dito. A *expectativa positiva* também apresenta presença significativa (11%), indicando que [vai que] não se restringe à projeção de riscos, podendo igualmente introduzir possibilidades desejáveis ou otimistas.

Já os valores de *ironia* (7%), *comentário* (4%) e *alerta* (4%) aparecem com menor frequência, mas revelam a versatilidade pragmática da construção, que pode ser mobilizada para efeitos discursivos variados, especialmente em contextos interacionais mais marcados pela subjetividade e pela avaliação do falante. A comparação estabelecida com a construção *in case* do inglês, à luz de Declerck e Reed (2001), reforçou a existência de tais padrões funcionais semelhantes em línguas distintas.

Ainda, a combinação de abordagens qualitativas e quantitativas, auxiliada pelo software *R* para a mensuração de frequências e distribuição, mostrou-se eficaz para demonstrar os papéis da construção em dois tipos de amostras bem diferentes, o *Corpus do Português* e Twitter. Logo, esses resultados detalham o funcionamento semântico de [vai que] no português contemporâneo e contribuem para o mapeamento de nuances discursivo-pragmáticas dessa construção, além de possibilitar novas pesquisas sobre a construção.

Agências de fomento

Este artigo é produto de projetos financiados pelas seguintes agências: CNPq (Bolsa de produtividade, Nível 1D, processo 306941/2021-0), FAPERJ (Edital Cientista do Nosso Estado, processo E26/200.472/2023) e CAPES (Bolsa de Mestrado e Doutorado, processo 88887.143579/2025-00).

REFERÊNCIAS

BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DECLERCK, R.; REED, S. **Conditionals: A Comprehensive Empirical Analysis**. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001. DOI: 10.1515/9783110851748.

DIESSEL, H. Demonstratives, frames of reference, and semantic universals of space. *Lang. Linguist. Compass* 8, 2014, p.116–132. DOI: 10.1111/lnc3.12066. Acesso em: 17 fev. 2026.

DIESSEL, H. **The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ELY, L. **As construções [vai que] e [supondo que] do português brasileiro: uma análise cognitiva funcional baseada no uso**. (Tese de doutorado). Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. 173 f.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Nova York: Routledge, 2006.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone**. *Language*, v. 64, 501–538, 1988.

GARDENFÖRS, P. Evolutionary and Developmental Aspects of Intersubjectivity. In: LILGENSTRÖN, H. ÅRNHEM, P. **Consciousness Transitions**, Elsevier. p. 281-305, 2007.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HILPERT, M. **Construction Grammar and Its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOFFMANN, T. **Construction Grammar: The Structure of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

LANGACKER, R. W. **Foundation of Cognitive Grammar**. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

NUNBERG, G, et al. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, 1994, p. 491-538. Project MUSE <https://dx.doi.org/10.1353/lan.1994.0007>.

SOARES DA SILVA, A. S. **The polysemy of discourse markers**: The case of pronto in Portuguese. *Journal of Pragmatics*, v. 38, n. 12, p. 2188-2205, 2006.

TAYLOR, J. R. **The Mental Lexicon**: How Language Is Represented in the Mind. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language**: A Usage-Based Approach. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WULFF, S. **Rethinking Idiomaticity**: A Usage-Based Approach. London: Continuum, 2008.

Sobre as autoras

Leyla Ely

Licenciada em Letras – Português e Espanhol – e mestra em Linguística pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó (SC) e Doutora em Linguística (ex-bolsista CAPES/PROEX) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De março a setembro de 2023, realizou estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade Católica Portuguesa – Braga, sob a supervisão do Dr. Augusto Soares da Silva. Integra o Grupo de Estudo Discurso e Gramática da UFRJ (D&G/UFRJ) e é professora substituta do Departamento de Letras da UFRJ.

Maria Maura da Conceição Cezario

Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua no Programa de Pós-graduação em Linguística (CAPES 6). É Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). Coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática. É bolsista de Produtividade 1D do CNPq e Cientista do Nosso Estado da Faperj (2023-2026).

Juan Lima de Paula

Bacharel em Letras (Português e Francês) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e integrante do grupo de pesquisa “Discurso e Gramática” (D&G/UFRJ). Atualmente, é mestrando em Linguística do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ) e bolsista CAPES. A pesquisa realizada sobre “vai que” se enquadra na Linha 4 do PPGLIN: Modelos Funcionais Baseados no Uso.